

**RESENHA**

FRANCKEL, Jean-Jacques. Referência, referenciação e valores referenciais. In: VOGÜÉ, Sarah de; FRANCKEL, Jean-Jacques; PAILLARD, Denis. *Linguagem e enunciação: representação referenciação e regulação*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 31-55.

Referência do texto original: FRANCKEL, Jean-Jacques. Référence, référenciation et valeurs référentielles. *Sémiotiques*, n. 15, INALF, Didier Érudition, p. 61-84, 1998.

**Elda Cintra LEITE (UNEMAT)<sup>1</sup>**  
**Albano Dalla PRIA (UNEMAT)<sup>2</sup>**

Esta resenha tem como objetivo apresentar o capítulo *Referência, referenciação e valores referenciais*, de Jean-Jacques Franckel, na perspectiva construtivista de Antoine Culioli, publicado no livro *Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação*, de Jean-Jacques Franckel, em parceria com Denis Paillard e Sarah de Vogüé.

Jean-Jacques Franckel é especialista em semântica e linguística francesa. É integrante da equipe de pesquisa fundada por Antoine Culioli. É autor de artigos publicados que são direcionados à compreensão do funcionamento enunciativo de unidades linguísticas. Atualmente, desenvolve suas atividades no âmbito do Grupo de Pesquisa Invariantes Lexicais – INVLEX.

O capítulo começa relatando como a referência pode ser compreendida na perspectiva clássica. Ela é considerada como uma função que permite às unidades e aos enunciados da língua remeter ao mundo real em um sistema de correspondência, de forma estável e imediata. Mas, essa concepção clássica será confrontada pela concepção das relações forma-sentido, fundamentada nas operações de referenciação e de produção de valores referenciais.

Em seguida, o autor explica como a abordagem clássica, que considera a linguagem como aquela que não diz as coisas, apenas representa as ideias dos homens. Desse ponto de vista, a linguagem humana é tomada como o pensamento representado. Porém, na nova concepção, a linguagem e o pensamento desenvolvem-se simultaneamente, a linguagem permite tudo conceber e tudo expressar, isto é, a linguagem analisa, compara, reúne e ordena.

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UNEMAT/Cáceres. [eldacleite@gmail.com](mailto:eldacleite@gmail.com).

<sup>2</sup> Pós-doutorado pela Universidade Nova de Lisboa (Bolsista CAPES – Proc. n° 99999.006159/2014-01). Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP/Araraquara. Docente do Curso de Letras da UNEMAT/Alto Araguaia e do Programa de Pós-graduação em Linguística da UNEMAT/Cáceres. Coordenador do Grupo de Pesquisa *Variação e invariantes na linguagem*. [adallapria@gmail.com](mailto:adallapria@gmail.com)



A referência provém de uma relação quase direta e imediata entre uma porção cognitiva e determinada do mundo real e expressões linguísticas. No entanto, esse ponto de vista causa dois problemas.

O primeiro está relacionado ao fato de que nessa concepção, o tempo ou o espaço é determinado como constitutivo de apenas um referente, ou seja, como um sentido único, homogêneo. Mas, basicamente, sabe-se que tanto o espaço quanto o tempo não têm característica homogênea, pois, fora da linguagem eles só existem através de representações que o próprio indivíduo oferece. O segundo refere-se às formas ligadas à expressão do espaço e tempo, porém, as marcas que são colocadas nos enunciados fogem de um sistema de correspondência preestabelecida a um referente externo.

Depois o autor inicia sua explicação sobre a abordagem construtivista, como já foi dito. A concepção clássica se opõe a concepção construtivista. *A construtivista considera que o sentido é construído pelo material verbal e a linguagem não constitui um sistema de representação em uma relação de adequação a um outro sistema de representação.* Pois, nessa abordagem, verifica-se que há uma opacidade da linguagem. Em nenhum momento ela oferece lugar ao sentido puro, e o sentido aparece nela encaixado nas palavras. Diferentemente da teoria clássica, a construtivista não enxerga a palavra como algo que precisa ser consultado em léxicos para descobrir o seu sentido, mas o sentido só existe desde que seja construído pela linguagem. Somente as palavras que podem esclarecer o sentido das próprias palavras.

Embora o dicionário exponha o sentido das palavras ao substituir palavras por outras palavras, na linguagem cotidiana também verificamos de maneira clara a circulação de sentido em questões como: Em que sentido você entende isso? O que você quer dizer com isso? Esse movimento de formas variadas de questões serve para explicar de outra maneira o sentido, mas não devem alterar o significado. Dessa forma, o sentido só é compreensível devido o sentido de outra coisa.

Seguindo essa perspectiva, a linguagem é composta por uma forma de pensamento, ou seja, trata-se de várias formas de pensamento e todas apresentam propriedades relacionadas à sua organização própria. Então, o pensamento é heterogêneo, existem diversos pensamentos distintos um dos outros. Sendo assim, pode-se dizer que são os gestos que



suprem a linguagem. Isso remete ao furo que a linguagem apresenta, pois ela não permite tudo dizer, em muitas situações o indivíduo não diz tudo que se passa em sua mente, sem perceber que não pode dizer. Diante disso, é possível admitir que a linguagem seja o traço de um pensamento organizado entre todos os outros. Ressalte-se que o pensamento não se restringe à linguagem, pois a linguagem pode ser expressa por meio de imagens e gestos.

Outro fator importante são os valores referenciais citados pelo autor. Para compreendê-los, é necessário entender a teoria da enunciação, que toma como objeto o próprio enunciado. Pois essa teoria não considera o enunciado como o resultado de um ato de linguagem individual, num momento exato, por qualquer indivíduo, mas ele deve ser compreendido como uma organização de formas e consecutivamente deve ocorrer a análise de mecanismos enunciativos, pois o valor referencial do enunciado não é um dado, mas algo construído.

Nessa direção, o contexto ou a situação não é exterior ao enunciado, mas concebido pelo próprio enunciado, isto é, o sentido do enunciado não se encontra em um referente extralinguístico, mas ele está diretamente ligado à construção de valores referenciais. Diante disso, observa-se que o referente sucede do extralinguístico, que difere dos valores referenciais, que são construídos pelos enunciados. Portanto, é o contexto que esclarece a significação de um enunciado, mas é o enunciado que produz as condições que permitem, assim, interpretá-lo.

No decorrer do texto, o autor mostra o tempo todo o confronto entre as duas abordagens, clássica e construtivista. A clássica considera que a unidade comporta um conteúdo semântico estável e primeiro; enquanto a construtivista aponta que a unidade não comporta um conteúdo semântico estável e primeiro, pois nada é dado, tudo é construído. Essa segunda abordagem da qual faz parte da teoria culioliana, supõe que a palavra não tem por si só nenhum conteúdo semântico estável e primário. Exemplo disso são os enunciados, que não permitem encontrar o valor próprio ou primeiro de uma unidade, pois a unidade existe por meio do sentido que se constrói pelo enunciado.

Na sua conclusão, o autor descreve que apesar das oposições entre as abordagens, a linguagem consiste em realizar operações de orientação que determinam os valores referenciais e que são elas próprias constitutivas do sentido dessas unidades.